


A multidimensionalidade do ProUni na percepção de seus beneficiários

The multidimensionality of ProUni in the perception of its beneficiaries

La multidimensionalidad de ProUni en la percepción de sus beneficiarios

André Pires - Universidade de Sorocaba - Uniso | Departamento de Educação | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: anpires@gmail.com | 

Víctor Marques Varollo - Rede Estadual de Ensino de São Paulo | Indaiatuba | SP | E-mail: victor.marques.varollo@gmail.com | 

Resumo: O artigo tem por objetivo compreender a multidimensionalidade do Programa Universidade Para Todos (Prouni) a partir das experiências dos bolsistas no ensino superior. Através de pesquisa bibliográfica na base Scielo e BDTD, foram selecionados 53 trabalhos que atendiam ao requisito de serem pesquisas que buscaram compreender a percepção dos bolsistas sobre o programa, ou seja, que utilizaram como método entrevistas, questionários ou outra forma de interação com estes estudantes. Com a leitura dos textos selecionados, elaborou-se categorias de análise para classificar as diversas dimensões levantadas pelos prounistas, sendo elas: exclusão, permanência, rede de apoio e inclusão. O que foi possível notar é que tais dimensões se relacionam entre si, como por exemplo a permanência suscitar a formação de redes de apoio.

Palavras-chave: ensino superior; desigualdades educacionais; exclusão.

Abstract: The article aims to understand the multidimensionality of the Programa Universidade Para Todos - ProUni, which stem from the experiences of scholarship holders in higher education. Through bibliographic research in the SciELO and BDTD databases, 53 works were selected that met the requirement of being researches that sought to understand the perception of the scholarship holders, that is, mainly through interviews and questionnaires. With the reading of the selected texts, categories of analysis were elaborated to classify the different dimensions raised by the prounists, namely: exclusion, permanence, support network and inclusion. What it was possible to notice is that these dimensions are related to each other, such as permanence leading to the formation of support networks.

Keywords: higher education; educational inequalities; exclusion.

Resumen: El artículo tiene como objetivo comprender la multidimensionalidad del Programa Universidade Para Todos- ProUni, que se deriva de las experiencias de los becarios en la educación superior. A través de una investigación bibliográfica en las bases de datos SciELO y BDTD, se seleccionaron 53 trabajos que cumplieran con el requisito de ser investigaciones que buscaban comprender la percepción de los becarios, o sea, principalmente a través de entrevistas y cuestionarios. Con la lectura de los textos seleccionados, se elaboraron categorías de análisis para clasificar las diferentes dimensiones planteadas por los prounistas, a saber: exclusión, permanencia, red de apoyo e inclusión. Lo que fue posible notar es que estas dimensiones están relacionadas entre sí, como la permanencia que conduce a la formación de redes de apoyo.

Palabras clave: sociología de las desigualdades; desigualdades educativas; exclusión.

- Recebido em: 03 de junho de 2022
- Aprovado em: 04 de janeiro de 2023
- Revisado em: 23 de março de 2023

Introdução

O Programa Universidade Para Todos – ProUni – é uma política pública, implementada em 2004 pelo governo federal, que busca expandir o acesso ao ensino superior, através do fornecimento de bolsas integrais e parciais (50%) em cursos de instituições privadas do ensino superior. A amplitude do programa e sua resiliência ao longo do tempo, em governos de quatro presidentes com espectros ideológicos diferentes, possibilitou que este fosse estudado por pesquisadores das mais diversas áreas com farta produção qualificada (em artigos em periódicos, teses e dissertações). Apoiado em pesquisa bibliográfica, o objetivo deste artigo é compreender as visões dos próprios prounistas sobre o programa. Para atingir este objetivo, selecionamos 53 trabalhos, artigos, teses e dissertações, produzidos entre os anos de 2009 e 2020, indexados nas bases SciELO (Scientific Electronic Library Online) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), que tiveram como método coleta de informações junto aos próprios beneficiários do programa a partir de entrevistas, grupos focais, questionários etc. Interessava-nos compreender os limites e as possibilidades suscitadas pelo ProUni a partir dos pontos de vista dos próprios entrevistados.

Dentre os principais resultados, notamos que o programa, por não possuir uma política consistente de permanência estudantil, precisa ser aprimorado na visão dos alunos. Para dar conta da continuidade aos seus estudos, os bolsistas se organizam em coletivos, fóruns de bolsistas – virtual e presencial, entre outras iniciativas, para discutirem seus problemas e se ajudarem. Considerando que movimentos e organizações sociais surgem a partir da constatação da existência de um problema social, é compreensível que tais organizações tenham surgido. Observamos também que o ambiente universitário, além de promover a participação em organizações e coletivos, possibilita a construção de identidades. Por ser historicamente um ambiente marcado pela pluralidade de ideias, os bolsistas encontram nas Instituições de Ensino Superior (IES) possibilidades de lidarem abertamente com suas subjetividades, onde questões relativas à sexualidade, etnia, gênero etc., são debatidas com maior amplitude e aceitação. Tais questões nos levaram a perceber que as dimensões consideradas neste trabalho não se apresentam de forma isolada, mas se inter cruzam, visto que muitas dificuldades apontadas criam condições para o surgimento de soluções a partir das demandas dos próprios bolsistas, como será visto nas próximas páginas.

Este artigo se inicia com uma breve apresentação do método da pesquisa que se baseia neste texto. Em seguida, discutiremos as produções selecionadas em termos dos desafios apresentados, sobretudo aqueles relacionados à permanência e à exclusão, e as oportunidades, tais como inclusão e redes de apoio. Na última parte, apresentamos nossas considerações finais

O método e a definição das dimensões do programa

Alguns parâmetros foram estabelecidos para a seleção dos trabalhos analisados. Como já mencionado, o primeiro parâmetro se deu pelo método do estudo. Considerou-se apenas pesquisas que tiveram como método a coleta de informações diretamente com os estudantes do Prouni. Assim, estudos que envolveram técnicas como entrevistas, questionários ou qualquer outra que pressupõe informações fornecidas pelos próprios prounistas foram considerados para a pesquisa. Isso se justifica pelo fato de nosso objetivo ser compreender os pontos de vista dos próprios estudantes em relação ao programa. Pode-se apontar uma limitação, uma vez que lidamos com fontes secundárias, as quais passaram por seleções prévias realizadas pelos autores das produções. Dessa forma, uma das limitações deste trabalho se encontra na possibilidade de haver informações ditas pelos prounistas aos pesquisadores, mas que não constam nas publicações selecionadas. O segundo parâmetro foi temporal. Selecionamos trabalhos publicados nas bases consideradas até o dia vinte de setembro de 2020 dos últimos 11 anos (2009-2020). Na base SciELO, utilizando o descritor “ProUni” foi possível encontrar 49 trabalhos. Já utilizando o descritor “Programa Universidade Para Todos”, encontramos 3 trabalhos. Desse total, 16 foram selecionados, publicados entre os anos de 2011 e 2020. Na base BDTD, usando o descritor “ProUni” obtivemos 94 resultados. Já utilizando o descritor “Programa Universidade Para Todos”, obtivemos 133 resultados. Importante pontuar que diversos trabalhos foram repetidos nas buscas (apareceram em ambos os descritores). Desse total, 37 trabalhos publicados entre os anos de 2009 e 2018 foram selecionados.

A leitura dos trabalhos nos possibilitou categorizá-los em duas grandes dimensões: os desafios e as oportunidades. Por serem categorias amplas, subdividimo-las: dentro dos desafios tem-se a permanência e a exclusão, e nas oportunidades as redes de apoio e a inclusão.

O gráfico a seguir apresenta o número de ocorrências de cada dimensão.

Gráfico 1 - Dimensões do programa.



Fonte: Elaboração dos autores.

Ressalta-se que todas as dimensões foram criadas *a posteriori*, ou seja, inicialmente os trabalhos foram lidos, catalogados e fichados, para que depois fossem criadas as categorias, de maneira a aglutinar temas recorrentes levantados nos apontamentos.

Desafios: exclusão e permanência estudantil

O desenho do ProUni prevê uma bolsa permanência destinada a estudantes que tenham renda média familiar de até 1,5 salário-mínimo e que estejam matriculados em curso de graduação com carga horária diária igual ou superior a 6 horas. O valor recebido foi regulado através da Portaria do Ministério da Educação nº 389 e, em valores de 2020, era de R\$ 400. Aqui cabe ressaltar que os estudantes que cumprem tal requisito compõem uma parcela mínima.

Como veremos a seguir, a permanência é uma das principais dificuldades levantada pelos prounistas. Mas, afinal, o que entendemos por permanência?

Maciel, Cunha Junior e Lima (2019), ao analisarem as produções científicas sobre a permanência e a evasão estudantil, compreenderam que diferentes concepções são elaboradas. De um lado, há trabalhos compreendendo a permanência como um sinônimo de retenção, ou seja, uma política de permanência seria aquela que fornece condições objetivas para que o aluno conclua seus estudos. Por outro lado, os autores mencionam que há trabalhos apontando para um aspecto também simbólico da permanência, que estariam relacionadas com a subjetividade do estudante em sua relação de pertencimento com o ambiente no qual está inserido.

De maneira geral, podemos então compreender a permanência como algo que possui uma dimensão material e uma dimensão subjetiva. Tais dimensões não são separadas, mas compõem um conjunto de necessidades para que o aluno conclua seus estudos. Dessa forma, quando olhamos para as questões materiais da permanência, podemos citar como exemplo moradia, transporte, alimentação, acesso aos materiais didático etc. Já nas questões não materiais, podemos caracterizar as disposições acadêmicas para o bem-estar estudantil. Aqui temos as relações que ocorrem entre os próprios estudantes, como movimentos sociais, centros e diretórios acadêmicos, grupos de estudos e círculos de amizades, bem como as relações que se estabelecem entre os estudantes e o corpo universitário: a relação entre professores e alunos, a relação entre o estudante e o ambiente universitário (biblioteca, grupos de pesquisa, bolsas de estudos, intercâmbios etc.), além da assistência psicológica e pedagógica.

Heringer (2018), ao refletir sobre a questão da permanência como um problema ainda não superado no país, faz uma relação com o processo de expansão do ensino superior na França. Lá, após um período de entusiasmo pela conquista do acesso no ensino superior de classes historicamente excluídas do ambiente acadêmico, os estudantes começam a lidar com uma série de dificuldades, a indicar que o acesso é importante, mas insuficiente para garantir a tão almejada democratização neste nível de ensino.

Para melhor compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes com origem social menos privilegiada e de grupos tradicionalmente excluídos do ensino superior, podemos lançar mão de reflexões empreendidas por Pierre Bourdieu, como representante das formulações já clássicas da sociologia das desigualdades de oportunidades educacionais, e também de Alain Coulon. Ao descrever o processo de aumento do acesso ao ensino secundário por parte de grupos “culturalmente desfavorecidos” na França, Bourdieu apontou um processo semelhante ao que pode estar ocorrendo hoje no Brasil em relação ao ensino superior. Após um período de ilusão e euforia, os novos beneficiários do secundário teriam compreendido, pouco a pouco, que não bastava ter acesso a este nível de ensino para ter êxito nele. Bourdieu apontou o risco de as promessas de democratização feitas não se concretizarem e de que muitos jovens vejam seus planos serem logrados. (HERINGER, 2018, p. 12).

As principais dificuldades encontradas nos 33 trabalhos que apresentaram a permanência como um obstáculo no programa se referem a questões como alimentação, transporte, moradia e de tempo, seja para estudos, seja para o deslocamento até a IES.

Felicetti (2014), em estudo com prounistas de uma universidade comunitária do Rio Grande do Sul, notou que as três principais dificuldades enfrentadas pelos prounistas eram em relação ao trabalho/tempo, questões financeiras e transporte. Almeida (2009), também em instituição sem fins lucrativos, notou as mesmas dificuldades enfrentadas pelos bolsistas. Silva

(2018a) em seu estudo expõe que os prounistas levantaram questões financeiras e de tempo como os principais obstáculos enfrentados. Santos (2012) através de análises de questionários com prounistas, identificou que menos de 10% dos alunos atravessam o percurso acadêmico sem grandes dificuldades – sendo que 50% relatam que em algum momento tiveram problemas com moradia e alimentação.

Relatos parecidos são encontrados no trabalho de Borba (2017), em que há casos de trancamento de curso por conta de dificuldades para permanecer no curso; no de Ghelere (2014), em que 95% dos prounistas dizem gastar até 1 salário-mínimo por mês com alimentação. Milanez (2016) sugere que o programa promove uma inclusão incompleta, visto que nas falas dos bolsistas que entrevistou ficou evidente que, apesar de terem o acesso ao ensino superior, grande parte deles precisava continuar trabalhando e possuía dificuldades para custear transporte e alimentação. Borges (2018) notou que a principal dificuldade relatada pelos prounistas foi a de permanência, principalmente em questões econômicas. Aqui é interessante que o trabalho tem enfoque nos prounistas que foram beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF). No trabalho de Leite (2009), o prounista estudado pela autora também expressa esse sentimento de inclusão incompleta, uma vez que questões financeiras e emocionais foram uma barreira para a permanência no ensino superior.

Relacionadas às dificuldades de permanência ligadas à moradia, transporte e alimentação, temos questões subjetivas. Diversos relatos apontam que as condições pelas quais os prounistas dispõem para cursar o ensino superior afetam diretamente seu bem-estar psicológico.

Exemplo disso encontramos no trabalho de Felicetti (2014) em que uma prounista relata as dificuldades de ter que ler os textos acadêmicos dentro do ônibus que pega para a faculdade, e que a situação criou um ambiente de tensão e estresse. Já no trabalho de Vieira (2017) é possível encontrar relato de que a correria enfrentada pela entrevistada para manter os estudos e o trabalho, dividir o dinheiro entre os xerox exigidos no curso e a alimentação fez com que o estudante adquirisse problemas estomacais.

Ribeiro e Guzzo (2017) também identificaram que problemas em relação ao xerox e alimentação acabam contribuindo para a formação de sentimentos de exclusão. Prounistas entrevistados na pesquisa relataram que se sentiam excluídos do ambiente acadêmico por não conseguir uma alimentação saudável e ao mesmo tempo arcar com os materiais necessários para dar continuidade ao curso.

Mongin (2016) levanta a permanência como um processo no qual o prounista se encontra num ambiente novo, em que o sentimento de pertencimento se constrói arduamente, visto que há barreiras que separam os bolsistas e os não bolsistas. Em entrevista com beneficiários do ProUni, a autora compreende que esse processo de transição

[...] é construído entre muitos dilemas e constrangimentos. A inserção em um novo universo de significados traz à tona sentimentos e sentidos diversos reveladores, muitas vezes, do dilema inerente à condição de ser universitário e bolsista. Mesmo que o outro não seja objetivamente definido, há, por parte da maioria dos estudantes, a sensação de que a vida transita entre dois mundos, em universos simbólicos diferentes. Por isso, ao mesmo tempo em que o acesso à nova posição é comemorado, a percepção da alteridade pode se apresentar como um desafio. (MONGIN, 2016, p. 816).

Essa compreensão de transitar entre dois mundos diferentes também aparece no trabalho de Rizzo (2010), no qual prounistas pontuam que o acesso ao ensino superior possibilitou um novo olhar para o mundo e um novo status social. Esse fenômeno fez com que eles próprios tivessem uma relação diferente com o local de origem, assim como a antiga rede de contatos desses bolsistas passam a ter uma visão diferente sobre esses bolsistas.

A inserção em um ambiente novo, marcado historicamente pela exclusão dos mais pobres, sem uma política ampla de permanência impele aos estudantes buscar estratégias, pessoais e coletivas, para amenizar as dificuldades. Pires, Romão e Varollo (2019), em entrevista com prounistas de uma universidade comunitária, notaram que esses estudantes precisavam fazer um duplo esforço para ingressarem e permanecerem na universidade. Sentiam-se como peixe fora d'água. Não se trata, de acordo com os autores, de um processo individual, mas sim de um esforço familiar para que o processo de ingresso fosse possível. Nesse duplo esforço, os autores apontaram as questões de trabalho em contraturno aos estudos, além da busca (em internet, cursinhos populares etc.) para suprir as lacunas educacionais do ensino básico. Questões como vestimentas, acesso a lugares como festas e eventos acadêmicos e o acúmulo de informações sobre a vivência acadêmica foram pontuadas na referida pesquisa como pontos de dificuldade na permanência acadêmica. Trata-se de uma exclusão não só física, mas também simbólica: o trânsito entre dois mundos e o peixe fora d'água são, essencialmente, discursos próximos.

Em alguns trabalhos, como é o caso do de Nonato (2012), a escolha do curso também apareceu como um problema na visão dos bolsistas. Diversos entrevistados afirmaram que a escolha do curso se deu em um contexto em que havia poucas informações disponíveis, além de serem condicionados pelo ambiente social nos quais estavam inseridos. Podemos identificar falas que demonstram que a permanência e a exclusão são desafios que, muitas vezes, estão

interligados. O exemplo é quando prounistas entrevistados no trabalho de Nonato (2012) se dizem sentir excluídos de atividades acadêmicas, como a extensão, e que isso impacta diretamente na permanência, visto que tais atividades são remuneradas. Atividades remuneradas podem fazer com que os bolsistas percam suas bolsas em virtude de aumento da renda per capita familiar. Relatos parecidos são encontrados no trabalho de Rizzo (2010), Ferreira (2016), Borba (2017) e de Ghelere (2014), onde prounistas dizem se sentir excluídos de tais atividades extracurriculares por esta razão

Na intersecção entre permanência e exclusão, há trabalhos que indicam que as condições sociais dos bolsistas impossibilitam a eles acesso pleno à infraestrutura da IES na qual estudam, como é o caso de prounistas entrevistados por Aranha Neto (2014) e, de forma bem específica, no trabalho de Bissinela (2017). Este último, ao entrevistar prounistas egressos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), notou que os bolsistas se sentiam deslocados do próprio ambiente universitário, sem conhecimentos de informática, por exemplo, o que os levava a se sentirem excluídos da universidade.

Ainda sobre a exclusão, foi possível notar nas falas dos entrevistados uma compreensão de que a exclusão e os preconceitos se dão mais por fatores sociais e econômicos (por serem bolsistas), do que por questões raciais. Santos (2012) nesse sentido comenta que

[...] as dificuldades de relacionamento são percebidas mais em termos sociais do que raciais. Também não há uma percepção generalizada de que esses problemas de convivência sejam fruto de práticas de preconceito racial ou social por parte dos alunos pagantes, ainda que tenham sido relatadas algumas situações percebidas enquanto tais e uma entrevistada tenha afirmado sofrer preconceito social. (p. 785).

Relatos relacionados à exclusão são encontrados nos trabalhos de Anhaia (2013) e em Oliveira (2014), no qual prounistas manifestaram sentir a exclusão tanto no momento do ingresso no curso, visto que muitas vezes entram no curso já em andamento, quanto no final, já que para colação de grau com festa era necessário pagar um valor incompatível para eles. Prounistas entrevistados por Borges (2018) também relataram sentir preconceito de forma institucional e por parte de outros alunos.

Silva (2018a) levanta ainda que o desconhecimento de alunos não prounistas sobre as especificidades do programa leva ao preconceito e à exclusão desses bolsistas. Uma aluna relata ter se sentido ofendida pela fala de um colega de classe que acreditava que o programa fazia com que o nível de ensino decaísse.

A crença de que prounistas contribuem para a queda na qualidade do curso também pode ser vista no trabalho de Fontele e Crisóstomo (2016). Em estudo com 50 prounistas de uma IES de Fortaleza, os pesquisadores identificaram que 30% desses estudantes assinalaram que se sentiram discriminados em algum momento da trajetória acadêmica. O principal motivo de exclusão levantado neste estudo foi em relação a questões intelectuais, 22% dos entrevistados pontuaram que em algum momento sentiram preconceito por parte de professores e funcionários da IES, e que havia uma percepção de que prounistas eram menos capazes intelectualmente do que os demais estudantes. Nos trabalhos de Borba (2017), Ribeiro e Guzzo (2017) o padrão se repete: há a crença entre os demais estudantes de que eles são intelectualmente inferiores.

Se por um lado as redes de apoio são formas comuns de enfrentarem a exclusão, e veremos isso de forma mais aprofundada na próxima seção, também foi comum relatos de bolsistas que colocam grande peso no esforço pessoal para permanecerem no ensino superior. Talvez uma das explicações para isso se vincule justamente com o que foi levantado anteriormente, de existir a crença de que prounistas são “menos capazes” intelectualmente que os demais estudantes, e por isso se cobrem mais através do esforço pessoal para provar que estão no mesmo nível ou superior. Pires, Romão e Varollo (2019) discutem tais questões, da importância do “se virar” e ao grande peso ao esforço pessoal que os prounistas atribuem para permanecer em seus cursos. Nos trabalhos de Alves (2016), Estacia (2009) e Rodrigues (2009) também foi possível notar relatos sobre a importância do esforço – e mesmo mérito. Apesar do esforço pessoal aparecer como categoria importante para os bolsistas, compreendemos que ele não ocorre como oposição aos coletivos. O que os relatos indicam é que o esforço pessoal demanda apoio das coletividades – seja família, amigos, professores etc., e que as coletividades dependem também do empenho pessoal.

Oportunidades: inclusão e redes de apoio

A participação em coletivos foi um tema recorrente entre os trabalhos analisados, e compõe parte da dimensão de rede de apoio. Conforme já mencionado, as redes de apoio surgem da necessidade criada pela ausência de uma política ampla e consistente de permanência estudantil no âmbito do ProUni.

As falas dos prounistas nos trabalhos analisados na revisão de literatura apontam para uma questão importante, e que já vem sendo levantada pelos pesquisadores da área de

permanência no ensino superior. Vargas e Heringer (2017) em análise com sistemas diferentes de ensino superior (especificamente da Argentina, Chile e Brasil) apontam para a multidimensionalidade da permanência estudantil, indicando que as questões materiais são apenas um dos fatores que compõem este aspecto. Quando olhamos para os relatos dos prounistas nos trabalhos listados no tópico anterior, isso fica mais claro. Dentre os problemas citados para a permanência, também encontramos dificuldades para acessar cursos extracurriculares, e questões simbólicas, como a identificação e sentimento de pertencimento com o ambiente acadêmico, problemas psicológicos entre outros.

Os coletivos aparecem nos relatos dos prounistas justamente como forma de enfrentar os desafios das multidimensionalidades da permanência estudantil. Todavia, não é possível afirmar que os coletivos tenham exclusivamente um caráter utilitário. O que os relatos demonstram é que tais vinculações se ligam também às questões identitárias.

No trabalho de Ribeiro e Guzzo (2017) é possível observar a formação dos coletivos, de forma virtual e presencial, como uma forma de resistência, mas também como um processo de construção da consciência sobre a inserção no ensino superior, como o próprio nome do trabalho das autoras indica. A participação em grupos virtuais, apesar de poucos trabalhos o estudarem (em nossa revisão bibliográfica somente o trabalho de Ribeiro e Guzzo teve como foco grupos virtuais), também parece ser uma forma de os prounistas debaterem sobre o processo de ser bolsista do programa. Em um grupo virtual na plataforma Facebook, foi possível encontrar grupos abertos, sendo o maior com mais de 30 mil membros, onde os *posts* em sua maioria são para tirar dúvidas sobre a aquisição da bolsa, questões de auxílio permanência, e mesmo debate sobre cursos e IES, dentre outras.

Essa aproximação entre bolsistas, não necessariamente com um fim específico, aparece em diversos trabalhos, como o de Milanez (2016). Nesta pesquisa encontramos relatos de prounistas que consideram a formação dos grupos de bolsistas como algo próximo de uma “família”, visto que as condições sociais nas quais se encontram são próximas. No trabalho de Silva (2018a) há relatos sobre o vínculo feito entre os bolsistas possibilitar interações de questões relacionadas com a sexualidade, conforme argumenta o autor:

Há também algumas experiências singulares, como o entrevistado 6, que teve, em contraste com os outros alunos, acesso ao grupo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) da universidade (“o único grupo que eu consegui me identificar”), ou o entrevistado 8, que, vindo de fora, estabeleceu uma rede mais consistente de relações entre alunos também de fora de Brasília, em sua maioria bolsistas

(“todos [amigos], senão diretamente relacionados à faculdade, derivam de algum amigo da faculdade”). Entretanto, entre os entrevistados é possível afirmar que há uma constância em relação ao significativo aumento do número de redes as quais os alunos têm acesso por conta da experiência acadêmica proporcionada pelo ProUni. A percepção de que, agora, depois da experiência no Programa, fazem parte de mais grupos, com níveis de interação diferentes, mas sempre com resultados positivos em termos de ganhos sociais, culturais e até econômicos é outra constante. (SILVA, 2018a, p. 63).

Situações semelhantes são encontradas no trabalho de Pereira Filho (2011), em que há relatos sobre as possibilidades que os prounistas passam a ter de frequentar novos ambientes que até então não frequentavam (baladas, cinema, shoppings, estádios de futebol, etc.).

Nos trabalhos de Vieira (2017), Karnal *et al.* (2017), Soares (2017) além das questões já mencionadas, encontramos relatos sobre a importância do professor para o enfrentamento das desigualdades no ensino superior e da permanência estudantil. Aqui observamos que constantemente os professores e gestores aparecem nas pesquisas, visto que na ausência da política de permanência no próprio ProUni, algumas IES e/ou mesmo centros das instituições promovem ações localizadas para amenizar as dificuldades enfrentadas pelos bolsistas. É o caso apresentado no trabalho de Santos (2012) com prounistas assistidos pelo programa de apoio estudantil da PUC-Rio.

Em suma, o que notamos é que a problemática da permanência estudantil é multidimensional, conforme já apontamos, e que uma das possibilidades encontradas pelos bolsistas para o enfrentamento deste problema é através de organização de coletivos. Todavia, como salientado, não compreendemos que tais coletivos sejam pragmáticos no sentido de se formarem única e exclusivamente para finalidades instrumentais (como por exemplo para lutar por melhorias no programa). São movimentos suscitados pelas proximidades destes estudantes que, compartilhando posições sociais semelhantes (seja de classe, raça, gênero, sexualidade etc.), encontram no ambiente universitário uma possibilidade para trocas de experiências, e conforme a fala de uma prounista no trabalho de Oliveira (2014), uma possibilidade de expressarem suas “verdadeiras” identidades.

Vinculado aos relatos do ensino superior ser um local em que permite estudantes se realizarem, as falas demonstram de maneira clara o sentimento de agradecimento por terem ingressado no ensino superior. Foi possível notar de maneira quase unânime nos trabalhos analisados que a possibilidade de ter feito uma graduação possibilitou mudança de vida. Alguns relatos indicam que tal mudança por vezes não se refere diretamente a questões financeiras, mas sim na ampliação de suas visões de mundo.

Temos como exemplo o trabalho de Borges (2018) que, ao entrevistar prounistas de uma universidade comunitária do interior de São Paulo, notou que diversos deles, apesar de não terem tido uma melhora financeira depois de terem se graduado, colocaram que se sentiam mais satisfeitos com os respectivos trabalhos. Ou seja, traduzir a satisfação em algo objetivo, como renda, é empobrecedor. Dito isso, na categoria de realização, inserimos tanto questões relativas ao financeiro/trabalho, como questões de satisfação com a carreira escolhida. Nos trabalhos analisados, de forma quase unânime, os prounistas pontuaram uma satisfação com o trabalho.

Felicetti (2014) levanta isso em seu trabalho ao constatar que mais de 70% dos participantes de sua pesquisa, egressos do ProUni, mostraram-se satisfeitos com o trabalho em que se encontravam no momento da entrevista. Além disso, notou uma correlação positiva entre a satisfação/posição do trabalho e a renda obtida. Nesse ponto a pesquisa de Ghelere (2014) é enfática ao sinalizar que 70% dos entrevistados em seu trabalho colocaram que o diploma obtido tem reflexo na melhoria da renda. Lembramos que o Brasil é um dos países que mais oferece retorno salarial para aqueles que possuem diploma universitário.

Podemos notar ainda que há uma relação entre a rede de apoio e satisfação. Isso ocorre pelo fato de que a formação no ensino superior se configura para os familiares do estudante como uma conquista coletiva e, em diversos casos em que o estudante é o primeiro da família a concluir uma graduação, acaba servindo de exemplo e incentivo para que outros parentes também ingressem em cursos superiores. Tais questões subjetivas, o sentimento de “gratidão” ao programa se expressa na fala de diversos entrevistados por Felicetti (2014), em que os entrevistados expressam de maneira clara essa conquista do ensino superior como uma conquista coletiva.

Fala parecida encontramos no trabalho de Milanez (2016), em que o prounista acredita que o acesso ao ensino superior tenha contribuído para ascensão na carreira profissional e, conseqüentemente, resultou em uma melhora na renda familiar. Nas palavras do entrevistado “*Eu acho que cresci como pessoa, como profissional, eu conquistei coisas, adquiri conhecimento. Eu acho que ajudei também a galera lá de casa.*” (p. 141).

Oliveira (2017) também aponta o impacto familiar do ProUni, uma vez que há relatos de que os familiares dos entrevistados se sentem incentivados a continuar nos estudos após ter um primeiro membro da família no ensino superior.

Nesse sentido, nota-se nos trabalhos analisados que os prounistas compreendem que o programa foi fundamental para o ingresso no ensino superior e, no geral, demonstram-se satisfeitos com o processo. No trabalho de Saraiva e Nunes (2011), os entrevistados observam a realização tanto no aspecto individual-subjetivo, quanto em questões de trabalho, sendo que alguns já se inseriram em posições que consideram melhores do que as que estavam antes da graduação, e outros colocam perspectivas positivas para tal mudança.

Borges (2018) e Mongim (2016) identificaram esse desejo de mudança social. Mongim (2016) acrescenta ainda que esse desejo de crescimento é subjetivo, ou seja, não se traduz apenas em questões econômicas – e com isso reforçamos nosso ponto inicial de que os critérios de oportunidades e dificuldades possuem também caráter subjetivo. No mesmo estudo, nota-se, na visão a autora, que essa perspectiva de crescimento está muito mais ligada a questões de posição no local de trabalho do que em questões econômicas. Amaral e Oliveira (2011), ainda nesse contexto de mobilidade social, ao entrevistarem seis egressos do ProUni, indicaram que apenas um entrevistado não estava trabalhando e, quando perguntado sobre a melhora na motivação e autoestima, somente um respondente também negou essa melhora. De acordo com os entrevistados, a mudança no trabalho é seguida por uma melhoria psicológica e física também.

Quanto à questão da autoestima, podemos observar que os relatos remetem à expansão do estoque de capital social e cultural, visto que os mesmos estão sempre vinculados à possibilidade de viajar, conhecer novas culturas, possibilidade de manter contato com pessoas de diferentes classes sociais e frequentar eventos acadêmicos. Tais questões ficaram evidenciadas nos trabalhos de Ferreira (2016), Fontele (2013), Santana (2009), Bisinella (2017), Marco (2012), Borges (2018), Estacia (2009), Nonato (2012), Alves (2016), Milanez (2016), Rodrigues (2009), Aranha Neto (2014), Rocha (2015), Pereira Filho (2011), Almeida (2009), Anhaia (2013), Ferreira (2011) e no trabalho de Silva (2018b):

A egressa informou não estar trabalhando no momento, pois ao ser questionada sobre se sua formação ampliou as oportunidades de emprego e trouxe melhoria em sua qualidade de vida, explicou que apesar de ter cursado o ensino superior ainda não teve a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, afirma que após a sua formação sentiu mudanças em sua motivação e autoestima, e inclusive sua formação motivou familiares a iniciarem ou prosseguirem em seus estudos. Quanto à opinião da egressa sobre se o curso superior proporcionou oportunidades de experiências culturais e profissionais, concordou que sim, e que escolheu o curso que desejava. (SILVA, 2018b, p. 79).

Prounistas relataram a Soares (2017) modificação, através da possibilidade de cursar o ensino superior, também nas relações pessoais. Na pesquisa de Vieira (2017), observamos que os prounistas, ao responderem questionário sobre os principais aprendizados que a universidade proporcionou, também acentuam as aprendizagens de relações sociais/relacionais e afetivas.

Nalin (2018), em estudo de caso com uma professora da educação básica, observa que esta buscou o ProUni para uma ascensão econômica, mas encontrou no ensino superior uma forma de ampliar as possibilidades de atuação em sala de aula, além de tornar-se mais crítica sobre questões sociais. Sentido semelhante é encontrado no trabalho de Felicetti (2018). Ao analisar carreiras específicas, nesse caso as licenciaturas, egressos do ProUni se mostram satisfeitos com a escolha do curso, pontuando inclusive que teriam escolhido o mesmo curso caso tivessem a opção de “voltar no tempo” e prestar novamente o vestibular.

Assim como a permanência foi um dos fatores levantados quase que de forma unânime no tópico de desafios, a questão da inclusão também foi quase unânime quando olhamos para as oportunidades oferecidas pelo ProUni. Em um primeiro momento, podemos considerar os aspectos já mencionados como um fator de inclusão – quando falamos sobre emprego, ampliação de acesso às atividades culturais e expansão das redes de contato, por exemplo.

Mas, para além desses fatores mencionados, o que foi possível notar nos trabalhos é um sentimento de gratidão ao programa. Os entrevistados diversas vezes expõem que sem o ProUni não haveria a possibilidade do ingresso no ensino superior. Pereira Filho (2011), em entrevista com prounistas de uma instituição sem fins lucrativos, aponta que

Bolsistas resumem e dizem que o ProUni é: “simplesmente demais”, um verdadeiro “goloço do governo”, “nota 10”, “chegou em ótima hora”, é a “entrada pela porta da frente”, “um empurrão inicial para uma longa caminhada de aprendizado e concluem ser o “melhor programa de inclusão social” ou também “o melhor programa de incentivo à educação”, em suma, consideram alguns que é “dos movimentos do governo que melhor emplacou”. Por fim, existem os que declaram conhecer muito pouco - “só o que está escrito no meu contrato de bolsista” – sobre o ProUni, mas admitem que “sem ele não cursaria uma faculdade”. (p. 64).

Já um entrevistado por Milanez (2016) conta que somente através do ProUni conseguiu superar as barreiras financeiras para o ingresso no ensino superior. Prounistas entrevistados por Estacia (2009) mencionam inclusive um sentimento que tinham de que o ProUni não funcionaria, mas ao conseguirem a bolsa mudam a percepção do programa e passam a ter um sentimento de gratidão. Relatos próximos também são encontrados no trabalho de Rocha (2015) no qual uma entrevistada sugere que o programa é um caminho para tornar o ensino superior menos elitizado.

Os entrevistados também declaram que foi através do ProUni que conseguiram ter acesso à graduação e se sentem gratos ao programa por isso.

Há relatos nos quais prounistas se sentem gratos ao programa pelo fato de ele possibilitar o ingresso no ensino superior para pessoas que residem no interior, onde não há universidades públicas. Dessa forma, o programa possibilita que esses alunos ingressem em IES particulares, mas sem pagar a mensalidade. Essa questão pode ser encontrada no trabalho de Oliveira (2017).

Pires, Romão e Varollo (2019) e Borges (2018), em trabalhos que têm a intersecção entre o ProUni e o PBF, notam que o sentimento de gratidão ao ProUni é “superior” ao PBF. Encontramos no trabalho de Borges (2018) a informação de que apesar dos prounistas ex-beneficiários do PBF terem uma ascensão econômica mais tímida do que de beneficiários somente ProUni, esses têm uma percepção que a mudança foi superior, principalmente devido as mudanças de visão de mundo. Relato parecido encontramos no trabalho de Anhaia (2013).

Conforme observado, a maioria dos trabalhos mostra que os prounistas possuem uma visão positiva do programa, demonstrando um sentimento de agradecimento ao mesmo.

Considerações finais

Como era de se esperar, a dificuldade mais recorrente levantada pelos prounistas nos trabalhos analisados foi a permanência. Notamos que permanecer na graduação é um processo complexo, que não pode ser resumido apenas em fatores econômicos. Ligado a isso analisamos a exclusão, que, apesar de ter sido analisada em um tópico separado da permanência, está intimamente relacionada a ela. De maneira geral, foi possível compreender que os prounistas, ao entrarem em um ambiente novo, o universitário, sentem-se deslocados. Os dados indicaram que essa transição para o ensino superior se dá através da criação de um “vazio” de pertencimento, em que os prounistas não se sentem mais pertencentes aos seus locais de origem, mas também não se sentem incluídos no ambiente acadêmico.

As redes de apoio que os prounistas integram parecem se formar justamente para enfrentar o problema da permanência e da exclusão. Não que tais redes se formem racionalmente para isso, mas as condições sociais impelem que essas organizações sejam formadas. Tais redes vão desde as relações familiares, que, em algumas falas, apresentam-se de maneira positiva através do apoio até os movimentos sociais formados dentro da própria IES, em que os prounistas formam não só grupos de defesa da política, mas também fóruns de debate e locais que

encontram pessoas em situações sociais parecidas e que podem então expressar suas angústias, e mesmo através destes grupos participar de eventos não necessariamente vinculados ao ensino superior.

Mas, se experiências relatadas pelos prounistas são tão diversas que nos permitiram criar categorias tantas quanto o número de trabalhos analisados, o sentimento de realização com o ingresso no ensino superior foi unânime. Poderíamos argumentar que uma visão positiva sobre cursar o ensino superior se daria apesar do ProUni e não, pelo ProUni. Mas, o fato é que essa gama de estudantes entrevistados pelos mais diversos pesquisadores do país só conseguiu o ingresso no ensino superior através do programa – e, em diversas falas, confirmam que sem o Prouni, não conseguiriam acessar um curso de graduação.

Referências

ALMEIDA, Maria Aparecida de. **Universidade para todos: o PROUNI na visão dos bolsistas de uma instituição de ensino superior**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

ALVES, Tamyres Gaby. **ProUni: revolução simbólica na vida dos beneficiários**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, 2016.

AMARAL, Daniela Patti do; OLIVEIRA, Fátima Bayma de. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 861-890, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000500008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 set. 2020.

ARANHA NETO, Marineide de Oliveira. **Compreendendo a dinâmica de inclusão e/ou exclusão de alunos bolsistas do ProUni**. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

ANHAIA, Bruna Cruz de. **Educação superior e inclusão social: um estudo comparado de duas ações afirmativas no Brasil: dos debates à prática**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

BISSINELA, Patrícia Borges Gomes. **Trajetórias de egressos da EJA na transição para o ensino superior: um estudo a partir do PROUNI (Caxias do Sul 2005-2014)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

BORBA, Thamires Mielle. **Desigualdades na educação superior: acesso e permanência de bolsistas ProUni na PUC-RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

BORGES, Renato Gonçalves. **Egressos do ProUni de uma universidade do interior do estado de São Paulo do ano de 2008 até o ano de 2016**: trajetórias de ex-bolsistas do Programa Bolsa Família. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

ESTACIA, Maria Aparecida Tagliari. **Alunos do ProUni da Universidade de Passo Fundo**: trajetórias, percepções/sentimentos e aproveitamento acadêmico. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

FELICETTI, Vera Lucia. Comprometimento do aluno ProUni: acesso, persistência e formação acadêmica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 241, p. 526-543, set./dez. 2014. DOI 10.1590/S2176-6681/301911955. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/LfYfB4pX9RrXPXC48Ym9QJz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2020

FELICETTI, Vera Lucia. Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 215-232, jan./ fev. 2018. DOI 10.1590/0104-4060.50589. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/XVkwxkzxPjvnN5BD7vY7JNz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2020

FERREIRA, Karin Terrell. **PROUNI**: trajetórias. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

FERREIRA, Sônia Andréa Pimentel Rodrigues. As repercussões do PROUNI na vida profissional dos egressos da UNAMA. 2016. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

FONTELE, Tereza Lúcia Lima. PROUNI: uma reflexão sobre o, a voz de beneficiários do programa. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2013.

FONTELE, Tereza Lúcia Lima; CRISÓSTOMO, Vicente Lima. PROUNI – pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas. **Avaliação**, Campinas, Sorocaba, v. 21, n. 3, p. 739-766, nov. 2016. DOI 10.1590/S1414-40772016000300005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/dhtDbPDG8QqNWYgnh4SBKNj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

GHELERE, Lutiele da Silva. **O perfil do bolsista Prouni da UNESC**: entre os limites e as possibilidades do ensino superior. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma, 2014.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 7-17, jan./jun. 2018. DOI 1026707/1984-7270/2019v19n1p7. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v19n1/03.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2020

KARNAL, César Leonardo *et al.* Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 437-446, set./dez. 2017. DOI 10.1590/2175-35392017021311169. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/9VS97Z83PhvZKP4RqZrh3zh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2020

LEITE, Rozangela da Piedade. **O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas do ProUni: a questão da ação afirmativa.** 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MACIEL, Carina Elisabeth; CUNHA JÚNIOR, Mauro; LIMA, Tatiane da Silva. A produção científica sobre permanência e evasão na educação superior no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p. 1-20, 2019. DOI 10.1590/s1678-4634201945198669. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/TcyrZH4JGLSqK8Jy333yrSq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2020

MARCO, Beatriz Di. **Prouni: influências sobre a inclusão social dos seus egressos.** 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MILANEZ, Gabriel Gustavo Tosoni. **Trajetórias pós-ProUni: um estudo sobre egressos do Programa Universidade Para Todos na cidade de São Paulo.** 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02122016-125328/publico/2016_GabrielGustavoTosoniMilanez_VCorr.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

MONGIM, Andrea Bayerl. Itinerários de escolarização e mediações subjacentes: a experiência de discentes beneficiários do Prouni. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 93, p. 804-823, out./dez. 2016. DOI 10.1590/S0104-40362016000400002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/BgyR5sJDXqvQqSxJ9zJRwKH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2020

NALIN, Jaime Antonio. **A educação superior na formação do professor em exercício na educação básica pública: um estudo de caso do benefício do Prouni.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade La Salle, Canoas, RS, 2018.

NONATO, Brascia Franco. **Sentidos da experiência universitária para jovens bolsistas do ProUni.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Alessandra dos Santos. **A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre a escolha do curso universitário entre os alunos bolsistas do Programa Universidade para Todos - ProUni.** 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Patrícia Alves de Oliveira. **PROUNI: avaliação das contribuições do Programa para a Educação Superior na perspectiva de alunos contemplados pelo programa na cidade de Fortaleza-Ceará.** 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) - Programa de Pós-graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PEREIRA FILHO, Ednaldo da Silva. **Perfil de jovens universitários bolsistas do ProUni: um estudo de caso na UNISINOS.** 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

PIRES, André; ROMÃO, Paulo Cesar Ricci; VAROLLO, Victor Marques. O Programa Bolsa Família e o acesso e permanência no ensino superior pelo Programa Universidade para Todos: a importância do “eu me viro”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-26, 2019. DOI 10.1590/s1413-24782019240020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YLHf6rGQFbkrL5Hy3mxSjvz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2020

RIBEIRO, Flávia de Mendonça; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Consciência de estudantes prounistas sobre sua inserção no Ensino Superior. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 418-431, abr./jun. 2017. DOI 10.1590/1982-3703001472016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/xq75nDG5z3KGpctcKLDPDWBd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2020

RIZZO, Lupércio Aparecido. **Entre a realidade e a possibilidade: PROUNI e a dinâmica inclusão/exclusão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2010.

ROCHA, Cleonice Silveira. **Por que eles abandonam? evasão de bolsistas PROUNI dos cursos de licenciaturas**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2015.

RODRIGUES, Bianca Aguiar Rodrigues. **Passar é fácil, continuar é que é difícil...: a permanência de alunos bolsistas na PUC-RIO**. 2009. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SANTANA, Gabriella Cristina da Silva. **O programa universidade para todos: percepções de estudantes de pedagogia do Distrito Federal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009

SANTOS, Clarissa Tagliari. Ações afirmativas no ensino superior: análise do perfil socioeconômico e da experiência universitária de bolsistas do ProUni na PUC-Rio. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 93, n. 235, p. 770-790, set./dez. 2012. DOI 10.1590/S2176-66812012000400012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/s4zHXBHRqqfyL5KGpL4Ccjc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2020

SARAIVA, Luiz Alex Silva; NUNES, Adriana de Souza. A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 941-964, ago. 2011. DOI 10.1590/S0034-76122011000400003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122011000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 ago. 2020.

SILVA, Gizane Pereira da. **Aquisição de capital social dos bolsistas autodeclarados negros no contexto do Programa Universidade Para Todos**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018a.

SILVA, Thiago Aparecido Gomes da. **PROUNI: política pública de acesso ao ensino superior – um estudo sobre a possibilidade de atenuação das desigualdades sociais com os egressos de uma instituição de educação superior privada de Brasília**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2018b.

SOARES, Sandra Regina Pereira. **As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior: o que pensam os beneficiários do ProUni**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação - Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

VARGAS, Hustana; HERINGER, Rosana. Políticas de permanência no ensino superior público em perspectiva comparada: Argentina, Brasil e Chile. **Archivos analíticos de políticas educativas / Education policy analysis archives**, Arizona, v. 25, n. 72, p. 1-34, 2017.

VIEIRA, Karina Sales. **Estudantes universitários de uma instituição privada e suas relações com o saber:** de espectadores a protagonistas. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.